

Libertação Nacional

PORTA-VOZ DO CONSELHO NACIONAL DE UNIDADE ANTI-FASCISTA

Número quatro

----- F E V E R E I R O -----

1 9 4 5

A CONFERÊNCIA DA CRIMEIA

A reunião que Churchill, Roosevelt e Staline acabam de realizar na Crimeia, não representa, somente, uma perfeita e completa unidade de pontos de vista para a condução das operações militares até a derrota da Alemanha, representa, também, uma cabal unidade, quanto aos problemas da Paz, e uma estreita comunhão de ideias e medidas para fazer desaparecer do mundo todos os vestígios do nazismo e do fascismo. Foi o golpe de misericórdia nos regimes totalitários e a consagração definitiva da Democracia.

Pensavam os fascistas portugueses, fazendo-se eco da propaganda do Dr. Goebbels, que da conferências dos Três nada mais sairia do que uma unidade no ponto de vista militar, e, no ponto de vista político, a confirmação de profundas divergências entre os grandes chefes das três poderosas Nações-Unidas. Julgavam eles — pobres de espírito — que, para além da guerra, era impossível qualquer entendimento líal e estável, entre a Inglaterra, a America e a União Soviética. A essa esperança se agarravam, como a uma verdadeira tábuas de salvação, no convencimento de que, a realizar-se o seu lindo sonho, seria permitida no mundo de amanhã, a existência da ditadura fascista em Portugal e em Espanha. Mais uma vez se enganaram. Nesta política de jogo, que o sr. Salazar vem fazendo no campo internacional, uma vez mais jogou no mau cavalo.

— OS TRÊS GOVERNOS AUXILIARÃO CONJUNTAMENTE OS POVOS DE QUALQUER ESTADO EUROPEU LIBERTADO OU DE ANTIGOS SATÉLITES DO EIXO, NA EUROPA, ONDE A SEU PARECER; AS CONDIÇÕES O EXIGIREM: PRIMEIRO, AS ESTABELEÇER CONDIÇÕES DE PAZ; SEGUNDO, EXECUTAR MEDIDAS DE EMERGÊNCIA PARA SOCORRO DOS FERIMENTADOS DO POVO; TERCEIRO, CONSTITUIR AUTORIDADES INTERINAS GOVERNAMENTAIS, REPRESENTANTES, DE UMA MANEIRA GERAL, DE TODOS OS ELEMENTOS DEMOCRÁTICOS DA POPULAÇÃO, E QUE SE COMPROMETAM A ESTABELEÇER, O MAIS RÁPIDAMENTE POSSÍVEL, POR ELEIÇÕES LIVRES, GOVERNOS QUE CORRESPONDAM À VONTADE DO POVO; E, QUARTO, FACILITAR, QUANDO ISSO SEJA NECESSÁRIO, A REALIZAÇÃO DE TAIS ELEIÇÕES. —, isto se lê na declaração conjunta dos três chefes das Nações-Unidas, e isto bem mostra qual é o espírito do mundo de amanhã,

A par da declaração que acaba de ser transcrita, surge a reafirmação de fé nos princípios da Carta do Atlântico, e a decisão de edificar, "EM COOPERAÇÃO COM OUTRAS NAÇÕES AMANTES DA PAZ, UMA ORDEM MUNDIAL SOB O DOMÍNIO DA LEI, DEDICADA À PAZ, SEGURANÇA, LIBERDADE E BEM ESTAR GERAL DE TÓDA A HUMANIDADE." Em outro passo da declaração pede ler-se: "O ESTABELECIMENTO DA ORDEM NA EUROPA E A RECONSTITUIÇÃO DA VIDA ECONÓMICA NACIONAL TÊM QUE SER SEGUIDOS POR PROCESSOS QUE PERMITAM AOS POVOS LIBERTADOS DESTRUIR OS ÚLTIMOS VESTÍGIOS DO NAZISMO E FASCISMO, E CRIAREM INSTITUIÇÕES DEMOCRÁTICAS POR ÉLES PRÓPRIOS ESCOLHIDAS."

Tudo isto significa bem claramente que na Europa de depois da guerra não podem subsistir governos que não tenham sido livremente escolhidos pelo povo e que se não apóiem em instituições democráticas. E, de resto, a consagração do princípio que já havia sido expresso nos pontos terceiro e sexto da Carta do Atlântico, que a conferência expressamente sancionou, onde precisamente se não fazia qualquer distinção entre países libertados, aliados da Alemanha ou quaisquer outros, e antes já claramente se abrangiam todas as nações.

Foi este o espírito que passou para o instrumento de ratificação e adesão da Carta do Atlântico, subscrito pelos representantes de todos os países das Nações

-Unidas em Washington, em 1942, em cujo texto se pode ler a declaração inequívoca de que: "A VITÓRIA COMPLETA SOBRE OS SEUS INIMIGOS É ESSENCIAL PARA DEFENDER A VIDA, A LIBERDADE, A INDEPENDÊNCIA E A LIVRE RELIGIÃO, E PARA PRESERVAR OS DIREITOS HUMANOS E A JUSTIÇA TANTO NAS SUAS PRÓPRIAS TERRAS COMO EM TODAS AS OUTRAS."

Interpretando os textos da Carta do Atlântico, da sua ratificação, e da conferência de Teerão, o notável internacionalista Hambro, escreveu que os seus princípios se destinam a ser aplicados em todo e qualquer país, beligerante ou não, libertado ou neutro, por isso mesmo que "o mundo não pode ficar meio escravo e meio liberto." Ora, se se não permite a sobrevivência de vestígios do nazismo e do fascismo, se qualquer povo é livre de escolher o seu governo, desde que seja um governo democrático — e isto porque se não podem conceder liberdades contra a própria liberdade, da mesma forma que se não autoriza a construção de um prédio que tape as janelas do prédio vizinho — é manifesto que num mundo assim organizado não existe lugar para governos como os de Salazar e de Franco. E se, como a declaração salienta, um mundo assim surgirá da cooperação das nações amigas da paz e dedicadas ao serviço da liberdade, como é que se pode conceber a cooperação da Espanha e de Portugal — anti-liberais e anti-democráticas, como os seus chefes o proclamaram — nessa tarefa de construção futura!

Ainda recentemente Churchill, respondendo a celebre carta do general Franco, manifestou que não havia nenhuma possibilidade de a Espanha vir a ser representada na conferência da Paz, nem perspectiva de vir a ser considerada para entrar na futura organização internacional.

A posição de Portugal é inteiramente igual à da Espanha.

Não esqueçamos que quando a União-Soviética se recusou a tomar parte na conferência da Aviação Civil por terem sido convidados Portugal, a Espanha e a Suíça, a América e a Inglaterra se apressaram em declarar que aqueles convites tinham sido feitos tão somente por a conferência não tinha carácter oficial, e que para outras, como a do Estudo dos Planos de Segurança Internacional, não os aqueles três países não foram convidados como nem sequer se lhes deu a conhecer o trabalho realizado; e que de futuro nem para a conferência da Paz, nem para qualquer outra de carácter oficial que com aquela estivesse ligada, o convite se repetiria. É, basta ler os comentários da imprensa estrangeira a declaração da Crimeia, para nos convencermos de que Portugal deixou de ter lugar na comunidade internacional. Basta acompanhar os trabalhos do congresso de Sindicatos, presentemente reunido em Inglaterra, e ouvir os comentários da rádio-difusão das Nações-Unidas para não poder deixar de concluir-se que Portugal, a Espanha e a Argentina são considerados países fascistas e que, portanto, os seus governos e o espírito e ideologia que os anima estão definitivamente condenados. De resto, e para desonra de nós portugueses, Portugal, a Espanha e a Argentina sabem inteiramente na designação de satélites do eixo, não se pense que o apêdo de satélite se dirige a países como a Hungria, a Bulgária ou a Roménia. Estas nações só foram consideradas satélites do eixo enquanto, não tendo aderido ao pacto tripartido, giravam contudo na órbita da Alemanha e da Itália. Mas, depois dessa adesão, deixaram de ser satélites passando a ser elementos do próprio eixo. De então em diante, passaram a ser aliados da Alemanha, membros activos do eixo, países beligerantes logo que entraram na guerra, e que não tinham, pois, de ser especial e separadamente referidos na declaração da Crimeia porque, para eles, como para os outros, o estatuto a aplicar será o que resultar da rendição incondicional que lhes foi imposta, será o estatuto dos vencidos. Satélites do eixo foram e são os aqueles países que, como Portugal, a Espanha e a Argentina, não tendo beligerantes, fizeram apesar disso a política da Alemanha nazista, da Itália fascista ou do Japão imperialista, e que, como aqueles três países o fizeram, dentro das suas possibilidades — sacrificando até o interesse e a vontade dos seus nacionais — auxiliaram o eixo.

Foi a esta desgraçada situação que nos conduziu a política inepta e anti-patriótica do sr. Salazar e essa negra política, longe de procurar ainda redimir-se, cada vez se afirma mais. Dois dias depois da publicação da declaração da Crimeia, a Emissora Nacional, na sua nota do dia tachava de barbaras, anti-humanas e anti-cristãs as decisões da conferência. Isto é, não só não houve em Portugal, por parte dos responsáveis pelo governo, a mais pequena manifestação de aplauso perante tão magno acontecimento, como o único comentário, e feito por um organismo oficial, foi de ataque despropositado a conferência. É que, para os fes-

Este conflito: auxílio económico à Alemanha nazista e à Itália fascista através de substanciais fornecimentos de generos alimentícios e productos essenciais as industrias de guerra; auxílio politico através da copia das suas organizações, da autorização para que em Portugal a Alemanha e a Itália pudessem em plena liberdade fazer a sua propaganda de guerra; autorização para que em Portugal exercessem amplamente a sua actividade os serviços de espionagem nazi-fascista. Não esqueçamos, finalmente, as atitudes que o fascismo português tomou contra as Nações Unidas, proibindo a circulação dos seus jornais, cortando as noticias dos seus triunfos militares, impedindo a defesa da Austrália, pois deixou que o Japão occupasse Timor; so cessando as exportações para o eixo, quando a Inglaterra cansada de negociar diplomaticamente, lhe forçou a mão com a invocação da Aliança; a demora na cedência de bases nos Açores, demora que custou milhares de vidas e prejuizos a navegação das Nações Unidas; e tantas, tantas atitudes contrarias ao interesse nacional e até ao espirito cristão que o sr. Salazar diz servir.

Que todos os portugueses compreendam estas verdades e esta dura realidade sobretudo, sabendo que a liberdade só se conquista lutando, que todos os oficiais, sargentos, soldados e marinheiros do nosso Exército e da nossa Marinha compreendam, tambem, o seu papel neste momento historico.

O Conselho Nacional tem conhecimento — como tem quasi todo o Povo Português — de que grande numero de officiais do Exército tem manifestado, nos ultimos tempos, o seu desacôrdo e o seu protesto contra a politica fascista do sr. Salazar, quer no seu aspecto internacional em que desprestigia a posição da Nação Portuguesa, quer internamente em que todos sofrem os desmandos e a corrupção do Estado Corporativo. O Conselho Nacional entende que o Poder Civil e que deve tomar conta da governação do país, mas olha com interesse e simpatia para todos os militares-cidadãos que protestam contra a desonra e a traição.

A actual situação provêdo da responsabilidade activa do Exército e embora ãe hoje sinta a necessidade de lhe retirar o seu apoio, o Exército não pode ficar passivo, como Pilatos, e lavar as suas mãos; para as ãimpar bem precisa de considerar as suas responsabilidades desde 1926.

O Conselho Nacional não deseja a desordem, pelo contrario pretende organizar a ordem democratica. A Revolução que pretendemos e a do nosso programa e quanto mais pacificamente a fizermos, melhor. Esta nas mãos do Exército evitar uma grande parte da confusão que resultaria da substituição da ordem fascista pela ordem democratica. Quanto mais activamente intervier na transformação indispensavel que nos aproxime rapidamente das Nações Unidas e vencedoras, maior será o serviço que presta à Portugal. Como elemento essencial da defesa da nossa patria que o Exército é, o Conselho Nacional apela para o seu patriotismo.

Para Portugal existem hoje dois problemas interdependentes: um, é o politico nacional que devera ser resolvido pelo Povo Português e que acabará pelo triunfo completo das nossas ideias; o outro é o da nossa situação internacional, e que deriva da desgraçada traição do ditador Salazar, que nos collocou na situação de esbélites do eixo. Este sobretudo, srs. Officiaes do Exército, é que entendemos que deve ser resolvido pelas Forças Armadas e pelo Povo Português, para ingressarmos na Comunidade das Nações Democraticas e levantarmos, no que ainda for possível, a posição internacional de Portugal. Acima de tudo somos portugueses e patriotas.

Por tudo o que o Exército fizer para bem da nossa Patria, o Conselho Nacional só tem que o louvar. Não desejamos criar mais odios, e, no momento em que as nossas ideias generosas triunfam no mundo, se o Exército tomar uma parte activa na destruição do fascismo, poderá, poupando sangue, vitimas e destruições, prestar um grande serviço a Portugal.

So uma acção congregada das Forças Armadas e do Povo — pois sem êste não podem existir instituições livres — pode levar a destruição do fascismo e ao estabelecimento de um Portugal independente, livre e democratico, que adquira o seu lugar ao Sol, no mundo livre, democratico e progressivo de amanhã.

NÃO PODEMOS BAIXAR BANDEIRAS ENQUANTO O FASCISMO NÃO TIVER DE TODO ACABADO: SÓ A LIBERDADE NOS DIGNIFICARÁ AOS OLHOS DO MUNDO CIVILIZADO: SALAZAR É O OPRESSOR DO POVO PORTUGUÊS E UM DOS ÚLTIMOS LACAIS DO FASCISMO DE HITLER E DE MUSSOLINI

cistas portuguesas, para o sr. Salazar, e barbaro, anti-humano e anti-cristão por a Alemanha condições tais que a tornem por largo tempo impossibilitada de emprender nova agressão, mas não é barbaro, nem anti-humano, nem anti-cristão, a prisão e fuzilamento indiscriminado de reféns, o aniquilamento total de aldeias e de vilas e cidades, como medida de represália, nem que os japoneses violentem e assassinem portugueses em Timor, nem entregar refugiados espanhóis a Franco, para que este os mande fuzilar, nem que a policia do sr. Salazar maltrate e espanque os presos politicos, nem que se mandem morrer lentamente para o Terrafal aqueles que osam descordar do fascismo português. E, dias antes, o famigerado Caetano da Mata — verdadeiro camaleão politico, ministro nas horas vagas, mas sobretudo negociante de metais preciosos em Vichy — afirmava ser preciso robustecer cada vez mais a autoridade da Mocidade Portuguesa, esse simile felagranete das juventudes hitlerianas e façistas, fazendo assim cóo com os comandantes Villardebó e Tenreiro, que também haviam afirmado a necessidade de robustecer a autoridade da Legião Portuguesa, simile dos camisas negras de Mussolini e dos camisas castanhas de Hitler. Estes apelos aos membros da Mocidade Portuguesa e da Legião, dão bem a ideia da sua profunda decadência. Organizações que são o espirito, o sustentáculo e esteio do fascismo português, reconhecem que os seus elementos estão desinteressados e reclusos, e revelam ainda mais que lhes falta o apoio da população, que de resto lhes faltou sempre. Não é este o momento de estar a pertender robustecer organizações que são contrarias ao sentimento nacional e à evolução natural do espirito que hoje anima a humanidade. É o momento de eliminar, dissolver, extirpar tudo o que represente fascismo, espirito de facção, tirania; tudo o que pode alhear-nos da comunidade das nações, onde não teremos assento, enquanto este governo e este sistema politico existir em Portugal.

Por isto é que Vicente Toledano, no congresso dos Sindicatos em Inglaterra, propôs, com aplauso unânime dos congressistas, que se exarasse um voto de condenação aos fascismos de Espanha, Portugal e Argentina, declarando ser inutil punir a Alemanha, se o fascismo for permitido nestes países.

Tudo indica, no mundo, que a era do fascismo chegou ao seu termo. Pois bem: apesar desta clara indicação o sr. Salazar teima em durar e é capaz, para isso, de descer as maiores vilezas, de procurar até mascarar o seu regime. Mas os portugueses que o sejam de verdade não podem consentir em tão criminoso teimosia. Há que escorraçar o sr. Salazar do governo, ha que extremar o fascismo em Portugal e que restabelecer, quanto antes, as instituições democraticas, dando a palavra ao povo português. Para realizar esta tarefa e repor Portugal em situação de poder cooperar com os outros povos, reconquistando no mundo o lugar a que tem direito e que os crimes do fascismo lhe arrebatou, só a destruição do fascismo e um governo saído do Conselho Nacional de Unidade Anti-Fascista e que cumpra o seu programa de emergência, o podem tornar possível. O Conselho Nacional e o unico que exprime as diversas correntes de opinião anti-fascista e, em perfeito espirito de unidade patriótica, as aglutina e disciplina. O seu programa de governo democratico de unidade nacional e o unico que está de acordo com os grandes principios expressos na declaração da conferencia da Crimeia. Não, como nessa declaração, se salienta a necessidade imperiosa de destruirem todos os vestigios do fascismo, de se criar um governo provisório de Unidade Nacional, representativo de todas as correntes de opinião anti-fascista, que restabeleça as liberdades publicas e promova eleições verdadeiramente livres, mediante as quais seja escolhido o governo da vontade do povo. Não é o sr. Salazar, não sera um governo de duplices do sr. Salazar no auxilio à Espanha fascista e à Alemanha nazista, que poderão executar tal tarefa. Não são aqueles que exalçaram a Alemanha, a Italia e Espanha, e que proclamando-se anti-liberais e anti-democratas, atacaram a Inglaterra e a America nas suas horas difíceis que poderão fazer ouvir a voz do Povo Português, num mundo saído do triunfo de uma coligação de que aquelas duas grandes nações são elementos preponderantes. Não serão aqueles que sempre quiseram ignorar a União-Soviética, ou que sempre lhe dirigiram os mais soezes ataques, que com ela poderão estabelecer as relações necessarias a vida internacional da Europa de depois da guerra. Não são aqueles que tão activamente trabalharam para a derrota da República Espanhola, que poderão manter relações de boa vizinhança com o grande Povo Espanhol que lhes apunhalaram, depois da libertação do jugo franquista, e falangista.

Não esqueçamos as atitudes que o fascismo de Salazar tomou antes e durante